

Diante do fundamentalismo, o outro como resposta

José F. Castillo Tapia, SJ¹

Resumo: Uma reflexão com uma análise sistemática a fim de mergulhar nas raízes do que conhecemos hoje como fundamentalismo religioso, afastando-se dos rótulos do terrorismo e da violência que nos ajudará, por meio da digressão dialética que existe no pensamento religioso, a responder: por que achamos tão difícil o diálogo entre religiões? O fundamento da verdade de cada religião, que na fenomenologia da religião é designada “revelação”, é muito importante para responder às perguntas sobre qual práxis pode ser a mais “religiosa”, a fim de estabelecer pontes entre as diferentes religiões e parar de viver em competição para, enfim, viver a partilha da hospitalidade sagrada.

Palavras-chave: Fundamentalismo. Outro. Hospitalidade. Revelação. Pensamento

INTRODUÇÃO

A abordagem da questão do fundamentalismo é complexa, uma vez que o próprio fato apresenta uma variedade de nuances. É necessário estabelecer uma série de critérios que, a priori, nos ajudem a situar-nos na questão que estamos prestes a abordar. Antes de tudo, não acho correto falar de fundamentalismo como se fosse um fenômeno unitário e idêntico nas diferentes disciplinas. O filósofo espanhol Gustavo Bueno, em várias de suas obras, nos ajuda a esclarecer esta dificuldade, delimitando os diferentes fundamentalismos que surgiram ao longo da história, do fundamentalismo político e científico ao fundamentalismo religioso ou esportivo (ele o chama de olímpico) (cf. BUENO, 2007, p. 238-255).

Como é bem conhecido, o conceito de fundamentalismo foi cunhado em um movimento cristão evangélico contrário às tendências liberais ou modernistas da teologia no final do século XIX e início do século XX. A Igreja Presbiteriana declarou os cinco fundamentos em 1909 como princípios que não seriam questionados pela exegese moderna. Mas foi só em 1920 que o termo “fundamentalistas” apareceu em um jornal de Nova York para designar os cristãos batistas que se defendiam contra interpretações críticas e racionalistas da Bíblia (cf. BUENO, 2007, p. 238-255). Este termo evoluiu até os dias de hoje para se tornar um símbolo de intolerância, terrorismo etc., acima de tudo em grupos islâmicos. Como aponta o próprio Gustavo Bueno:

É claro que o termo «fundamentalismo» não é novo nos últimos anos, pois tem quase um século de existência. O que é novo é a transformação da avaliação do termo, que, tendo começado como

1 José Federico Castillo Tapia, padre jesuíta. Mestre em pedagogia pela Pontifícia Universidade de Salamanca (Espanha), Mestrando em Teologia sistemática pela FAJE e Bolsista FAPEMIG. e-mail: josecastillo@jesuitas.es

um «valor positivo» por seus criadores, acabou em nossos tempos transformado em um valor negativo, um contravalor, e amplamente utilizado como um termo dogmático para correntes, seitas ou escolas que são consideradas pela maioria como perigosas ou desprezíveis (BUENO< 2007, p. 238).

1 DIGRESSÃO DIALÉTICA: TIPOS DE PENSAMENTO

Um dos ramos da filosofia por excelência é a lógica, já estabelecida por Aristóteles. É a partir da lógica que vou tentar iniciar minha reflexão sistemática. Vamos partir de uma afirmação que diz: “todas as religiões são iguais”. Esta é uma afirmação que encontramos em muitos fóruns religiosos e, infelizmente, tornou-se uma espécie de *slogan* que não consegue captar a verdade que ela contém.

Podemos dizer que esta frase, como é expressa, é uma condição de termos, porque se as “religiões” fossem “iguais”, seria plausível pensar que haveria apenas uma religião, mas se em nosso discurso falássemos de “religiões” no plural, poderiam ser estabelecidas diferenças que nos ajudassem a justificar tal pluralidade.

A partir de uma argumentação lógica, poderíamos admitir que, se houvesse diferenças substanciais, estaríamos falando de várias religiões, enquanto, se as diferenças não fossem substanciais, mas puramente acidentais, haveria uma única religião com vários aspectos diferentes, mas sempre acidentalmente. Para melhor entender isto, vamos analisar os diferentes tipos de pensamento que são estabelecidos nas religiões e, portanto, vamos indicar onde o fundamentalismo seria estabelecido:

1.1 O PENSAMENTO ESSENCIALISTA

Se voltássemos à Grécia clássica e em particular ao pensamento aristotélico e toda a reflexão que isto provocará na história da filosofia, poderíamos dizer que uma essência é, por definição, aquilo que faz algo o que é e não algo mais. Algo que permanece inalterado, enquanto o resto pode ser modificado (cf. YZERBYT; ESTRADA; OYARZÚN, 2007, p. 114)².

Se estamos conceitualizando a palavra “religião”, a partir desta argumentação, ela deve sempre significar a mesma essência. Mesmo que existam religiões diferentes, a essência não desaparece. Por exemplo, o conceito “ser humano” indica uma essência única para cada ser humano, porque nossa natureza como seres humanos é a mesma para todos. Portanto, se falamos de religião em termos essencialistas, não pode haver essências diferentes do conceito “religião”, sabendo que existem muitas religiões, assim como existem muitos seres humanos.

2 “Essencialismo é um conceito que tem interessado diferentes disciplinas ao longo do tempo. O essencialismo filosófico, desenvolvido dentro da filosofia, abrange diversos significados desde Aristóteles, Platão, Santo Agostinho até Descartes, Kant, Hegel e Husserl, entre outros (cf. JERPHAGNON, 1987). Sua principal característica é que utiliza o conceito de essência para compreender o significado da existência humana”.

A dificuldade cresce quando o essencialismo está situado em uma espécie de entrincheiramento cognitivo, ou seja, em um recinto da razão. Podemos ver isto com outro exemplo: “ouro” é um conceito que estabelecemos na tabela periódica do grupo 11 dos elementos químicos. O “ouro” é um conceito concreto, tem um número atômico concreto que é 79 e peso atômico 196.967. Portanto, podemos afirmar sem dúvida que pode haver apenas um “ouro”. Portanto, “ouro” tem sua essência em ouro, e existe apenas um ouro. Quando vamos ao joalheiro, podemos ser enganados e comprar algo que se parece com ouro, mas não é. Do mesmo modo, de um ponto de vista essencial, se discutirmos religião desta forma, chegaremos à conclusão de que existe apenas uma religião, porque existe apenas um conceito essencial de religião. Todas as manifestações que podem ocorrer fora deste conceito estabelecido são falsas. A fim de esclarecer ainda mais esta forma essencialista de entender as religiões, refletiremos sobre as formas mais significativas em que ela ocorre na tradição religiosa:

1.1.1 MAXIMALISMO

A tendência maximalista afirmaria que existe apenas uma religião. Normalmente, esta verdadeira religião é a nossa, pois é somente esta religião que inclui todas as características essenciais da religião. Portanto, como vimos com o exemplo do ouro, todas as outras religiões são falsas e, portanto, não são religiões em absoluto. Estas tendências podem ter a aparência de religião, mas em essência não são, como o ouro que comprei. Esta tendência estaria próxima do que agora chamamos fundamentalismo, mas nem todos que pensam desta maneira são fundamentalistas. Por exemplo, na obra de Dante Urbina, ele constrói um argumento filosófico que o levará a afirmar que a única religião verdadeira é o cristianismo. Ele mesmo aponta no epílogo:

O cristianismo é a verdadeira religião: esta é a conclusão deste livro. E esta conclusão foi estabelecida seguindo um caminho perfeitamente racional. De fato, partindo do pressuposto de que Deus existe [...], lançamos as bases gerais para o estudo da religião (URBINA, 2018, epílogo).

1.1.2 MINIMALISMO

Esta tendência, que atualmente está muito na moda, afirma que existe apenas uma religião. Essa religião é a verdadeira essência de todas as diferentes manifestações religiosas da humanidade de hoje. Portanto, a “religião” torna-se uma entidade abstrata, mas essencial. Com nuances, encontramos, no pensamento de Raimon Panikkar, uma certa tendência a este minimalismo:

O problema pode ser formulado claramente da seguinte forma: se a religião é o que diz ser, ou seja, o caminho que leva o homem ao seu fim último, parece que pode haver - ou melhor, que deve haver - apenas uma religião perene e verdadeira, o fundamento de todas as religiões humanas (PANIKKAR, 2016, p. 41).

1.2 PENSAMENTO EXISTENCIAL

O existencialismo, como modo de pensar, está preocupado com as realidades e não tanto com a essência. Ou seja, ele atenderá às diferentes manifestações religiosas reais que ocorrem ao longo da história. Esta forma de pensar, portanto, afirma a pluralidade das religiões como um fato inegável, pois não atende à essência, mas à evidência do que podemos constatar positivamente. É por esta razão que, sem a busca da essência, a religião poderia ser um sistema de pensamento e vida, um programa, que guia o homem para Deus ou para o absoluto.

1.3 PENSAMENTO FUNCIONAL

Dentro do funcionalismo podemos considerar a religião de duas maneiras: 1) uma que se refere mais à estrutura estática da religião, como sua natureza, seus princípios, como ela existe na realidade ontologicamente, seu conteúdo de verdade na revelação e; 2) outra que enfatiza mais a função dinâmica da religião: sua razão de ser, sua ação, os efeitos que ela produz e sua intenção de verdade (cf. PANNIKAR, 2016, p. 147-158). Dentro das tradições religiosas, os setores mais identitários consideram quase exclusivamente o aspecto estático da religião, mas desde a modernidade, algumas correntes começaram a priorizar uma função mais dinâmica para as religiões. O pensamento funcional estático pergunta sobre o que é a religião, enquanto o pensamento funcional dinâmico perguntaria sobre qual é a tendência da religião. Por esta razão, às vezes é difícil estabelecer um diálogo frutífero e real, porque os pontos de vista a partir dos quais começamos ainda não foram esclarecidos. Mas se nos perguntamos sobre o que é religião ou sobre para onde ela tende, a resposta geralmente se desenvolverá em uma espécie de soteriologia, ou seja, sobre salvação.

Portanto, deve haver uma equivalência funcional entre as religiões, pois todas elas têm a mesma intenção de conduzir o homem ao seu fim e, nesta função, não podem ser substituídas por nada mais; de fato, se as religiões não aproveitassem esta característica da sua função, não haveria meio de realizar esta salvação, este cumprimento de tudo o que é criado (PANNIKAR, 2016, p. 158).

2 SALVAÇÃO

Dentro da tradição das religiões encontramos uma declaração que diz “*extra Ecclesiam nulla salus*” (não há salvação fora da Igreja). Mas o que significa esta declaração? O que podemos argumentar a partir desta afirmação é muito complexo. Fundamentalmente, o que está sendo dito é que ou você pertence a essa religião ou você não obtém salvação alguma. O que devemos nos perguntar é quem pertence a esta religião. O que está claro é que a filiação é uma condição necessária, mas não suficiente. Um indivíduo pode pertencer a essa religião, mas ele ou ela pode não ser salvo.

Já estamos começando a nos estabelecer na atmosfera do fundamentalismo. O fundamentalista, a partir de um essencialismo maximalista que se concentra na dimensão estática, estabelecerá que ao pertencer a uma religião e colocar a revelação dessa religião no centro, cria-se uma incompatibilidade com qualquer tipo de adesão a outra tradição religiosa ou revelação e, portanto, todos os membros de outras religiões não podem ser salvos. Isto equivaleria a dizer que todas as outras religiões são falsas e, portanto, não são religiões. Isto nos abre a uma dupla pergunta: se a salvação é dada na religião por revelação, o que é revelação? E se os outros não podem ser salvos, quem são os outros, ou quem é o outro?

3 A REVELAÇÃO

Revelar é um termo derivado de re-velare, que em latim significa remover o véu, manifestar o que estava escondido atrás dele. A religião nos ajuda, através de diferentes ferramentas (textos, regras, dogmas, símbolos e ritos), a desvendar o transcendente numa visão da realidade (cf. MELLONI, 2007, p. 8). O evento revelador, do ponto de vista antropológico, é apresentado em três momentos (cf. MELLONI, 2007, p. 20-65):

1. A exibição de um conteúdo, que traz algum tipo de conhecimento sobre a realidade profunda comum, na qual, muitas vezes, o Ser que se revela é, ao mesmo tempo, seu conteúdo. Isto, como vimos anteriormente, tem um caráter soteriológico. Este momento não diz respeito apenas ao transcendente, mas tem uma visão mais holística (humana e cósmica). A revelação, portanto, não nos tira da realidade, mas nos abre e nos permite ir mais fundo nela.

2. A existência de um receptor totalmente envolvido passivamente, que se transforma pela radicalidade e pela força de tal experiência: Como o mundo sagrado: por exemplo, o povo aborígene; como um ser transcendente que se manifesta: por exemplo, o cristianismo, o judaísmo ou o islamismo; como uma abertura para as últimas profundezas da realidade, um despertar interior: por exemplo, o budismo.

A comunicação desta revelação a outros, que são chamados a aderir de todo o coração ao seu conteúdo para que seja eficaz.

Aqui que é do nosso interesse nos situarmos. A revelação só terá um poder transformador se aderirmos incondicionalmente a ela. É uma rendição única, que torna muito difícil aceitar qualquer outra revelação. Quando a adoração de deuses estrangeiros é proibida ao longo da história, é a maneira de assegurar que o ser humano seja unificado em uma única direção, pois a fé não é um caminho para observadores.

As instituições são criadas para proteger esse legado que foi confiado à religião, mas existe o perigo de totalizar esse legado e de rejeitar e condenar compulsivamente qualquer coisa que nos faça questionar nossas fontes reveladoras. Uma das atitudes fundamentalistas é considerar mais importante defender o dogma do que o bem-estar do povo, dando à doutrina um caráter inquestionável e concedendo-lhe autoridade absoluta. A outra assumirá, portanto, o segundo lugar. Mas quem é o outro?

4 DIVERSIDADE

Geralmente a relação com o outro é sempre conflituosa. Há conflito com o outro porque tenho dificuldade de compreendê-lo, tenho dificuldade de aceitar a diferença do outro. Mas é muito mais complexo, porque mesmo quando entendo o outro, muitas vezes naquele ato em que eu termino de compreendê-lo, no qual eu quero compreendê-lo, também estou de alguma forma forçando-o a deixar de ser quem ele é e a me encaixar no que eu preciso que o outro seja. Isto acontece, por exemplo, no relacionamento entre pais e filhos. O pai, em geral, quer que a criança seja o que o pai assume como um modelo de realização pessoal. É muito difícil para um pai dizer a um filho para fazer o que ele ou ela quer.

Levinas diz que os números que melhor caracterizam a alteridade são os números de fraqueza. Figuras que são coletadas na Torá: a viúva, o órfão e o estrangeiro. Números que carecem de algo. À viúva falta um marido - com tudo o que o homem representa, o marido neste contexto judeu da Torá -, ao órfão falta pais e ao estrangeiro falta uma pátria, uma terra, um lar. O estrangeiro é uma palavra que excede uma nacionalidade. O estrangeiro é o estranho, aquele que não faz parte do comum, que não faz parte do que todos os outros estão fazendo. O outro é sempre um estrangeiro. Por esta razão, o outro é sempre fraco (LEVINAS, 2016, p. 43).

Quem é o outro, onde está o outro, lá fora? Pensar no outro nos apresenta uma tarefa problemática, se não impossível. Tudo o que dizemos sobre o outro é dito por mim mesmo. Tudo o que não sou eu, nem é determinado por mim, é outro. Tudo o que me excede é outro. E, no entanto, meus pais, meus amigos, meus companheiros de comunidade fazem sentido, ou seja, são o que sempre são para mim, sempre para um eu que os categoriza anteriormente.

Meu relacionamento com o outro dependerá de como eu o entendo. Em latim, há duas expressões para expressar o outro: *alius* e *alter*. Se entendemos o outro como *alius*, estamos em uma relação na qual estamos na defensiva, pensando que temos que defender algo, porque o outro se torna uma ameaça. De *alius* deriva a palavra “alienígena”. Quando você pensa neste tipo de ser, o que desperta em você? medo? estranheza? é outro que vem sem saber muito bem o que quer, estranho, ameaçador. Enquanto se o entendermos como um *alter*, o outro vem a ser reconhecido como alguém amigável, próximo a mim. O *alter* é aquele a quem diríamos: «aqui, olha, esta é a chave da minha casa, há poucas coisas na geladeira, mas você pode comer o que quiser». O *alter* é alguém familiar, porque ele é como eu, eu me reconheço nele quando ele está ao meu lado.

O essencialismo pode ajudar, no mundo das religiões, a construir pontes, porque o “outro”, entendido como igual em dignidade, em natureza etc., nos excede, não entendemos, mas se situa em uma espécie de verdade na qual, contemplando o outro, descubro parte de mim mesmo, e acima de tudo que eu também sou outro. Portanto, ao contrário do fundamentalismo que “fica na própria casa”, entendendo o outro como *alius*, a abertura ao diálogo exige que “saíamos de nossa própria casa”, de modo que, compreendendo tanto o caráter estático quanto dinâmico de nossa própria religião, não renunciemos a nossa própria revelação sem

negar as cotas de verdade oferecidas por outras manifestações religiosas. Mas que prática podemos estabelecer para tornar isso possível? A tolerância é uma ferramenta válida no mundo sagrado das religiões?

5 ENTRE TOLERÂNCIA E HOSPITALIDADE

Normalmente, entendemos o fundamentalista como alguém que é intolerante, mas acredito que esta afirmação esconde um engano, que acho que precisamos pensar. A palavra tolerância vem do latim *tolerare* e significa algo como aturar ou resistir. Tem a ver com como e de que forma eu tolero outros que são diferentes e até mesmo opostos aos meus interesses e costumes. A tolerância nos introduz, portanto, em um certo relativismo onde cada um pode ter sua própria verdade desde que não se incomode ou não seja incomodado pelo outro. Esta atitude nos fecha para a imposição do outro, não nos torna responsáveis. A tolerância não evita os guetos nem favorece o encontro com o outro, mas nos impede da tarefa de criar relações de reconciliação. Na tolerância existe uma assimetria que está relacionada ao poder. Tolerância é uma relação assimétrica que exerce poder. Como aponta Derrida:

Quem perdoa ou quem pede perdão, a quem, em que momento, e quem tem o direito ou o poder de fazê-lo? As perguntas que assombram a problemática do perdão multiplicam-se em magnitude quando confrontadas com o evento do imperdoável (DERRIDA, 1997, p. 36).

É verdade que nos últimos anos o conceito de tolerância tem sido apresentado a nós como um ato civilizador e pacífico. A pessoa tolerante é identificada com a razão, com moderação e civilidade, a pessoa tolerante é a respeitosa e a «progressista», enquanto a pessoa intolerante é irracional, agarrada à tradição e ao passado. A pessoa intolerante é aquela que gera guerras e transforma a civilização em barbarismo e caos. Mas se podemos concluir desta reflexão que devemos ser intolerantes para com aquele que se diz intolerante, não será isto uma traição à tolerância em si?

Como já vimos, *tolerare* vem a significar algo como suportar. Por esta razão, devemos nos perguntar como é minha relação com o outro. Porque, se eu tiver que aguentar, não estaremos tendo relações negativas quando toleramos? Ou seja, em vez de me envolver no outro, na sua diferença, na sua vida, de transformá-lo em ternura, eu o tolero, eu o tolero e por isso o desprezo.

A tolerância não é transformadora, nem para mim nem para o outro. É aqui que surge a pergunta: como podemos estabelecer relações com o outro? O fundamentalismo pode ser intolerante, mas não pensemos que os não-fundamentalistas que se reconhecem como tolerantes sejam menos excludentes.

Há outra palavra que poderia nos ajudar a repensar esta maneira de nos relacionarmos. A palavra hospitalidade deriva de diferentes concepções e pode, portanto, ter vários

significados. Primeiro de tudo, a palavra hospitalidade vem do latim *hospes* que significa hóspede, visitante. Portanto, entendemos a hospitalidade como abertura da minha parte às necessidades do outro. A *hospitalidade* ou hospitalidade como “um apartamento para visitantes estrangeiros”³ nos convida a abrir a porta de nossa casa para o estrangeiro. Isto implica necessariamente numa acolhida, mas não mais tolerando o outro, mas aceitando a diferença do outro, uma diferença radical que me faz responsável. O outro, portanto, não apresenta os mesmos dogmas ou tradições reveladoras.

É aqui que a religião assume o significado sagrado que a deve caracterizar. Ao tornar o outro solo sagrado um mistério, diante do qual só se pode estar descalço sem renunciar à verdade profunda que habita em nosso coração. Mas sabendo com certeza que o Mistério da vida, Deus, transcende o dogma, o rito, o sacramento, e desta forma, o outro pode ser o sacramento de nossa vida «quando você fez isto ao menor destes pequeninos, você o fez a mim» (Mt 25,40).

CONCLUSÃO

Na história das religiões tem havido muita violência, intolerância, medo, controle etc. É preciso levar a sério nosso papel no mundo para não criar totalitarismos essencialistas que nos privam de nos encontrar. Deixando nossas trincheiras cognitivas, a verdade de Deus que está no outro e, portanto, deixando o outro ser o outro, acolhendo-o e, sobretudo, reconhecendo o lugar de onde cada um de nós parte, para poder estabelecer um verdadeiro diálogo, onde o centro, o importante não é meu eu, mas o Outro com um “O” maiúsculo.

REFERÊNCIAS

BUENO, G., *La fe del Ateo*, Madri: Temas de Hoy, 2007.

DERRIDA, J., *Perdonar lo imperdonable y lo imprescriptible*, Madri: Avarigani, 1997.

ESTRADA, C.; OYARZÚN, M.; YZERBYT, V., “Teorías Implícitas y Esencialismo Psicológico: Herramientas Conceptuales Para el Estudio de las Relaciones Entre y Dentro de los Grupos” em, *PSYKHE*, 2007, Vol.16, Nº 1, 111-121.

LEVINAS E., *Totalidad e Infinito*, Salamanca: Sígueme, 2016.

MELLONI, J., *Vislumbres de lo real. religiones y revelación*, Barcelona: Helder, 2007.

PANIKKAR, R., *Religión y religiones*, Obras Completas II, Barcelona: Herder, 2016.

URBINA, D., *Qual é a verdadeira religião? Demonstração racional da qual Deus se revelou*, Charleston SC: Ed. CreateSpace, 2018.

Diccionario de etimologías: <http://etimologias.dechile.net/?hospital>. Acesso 18 de julho de 2023.

3 Dicionário de etimologias em: <http://etimologias.dechile.net/?hospital>. Acesso 18 de julho de 2023.